MEU DEUS É ASSIM.
"E A PALAVRA ERA DEUS" (Jo 1,1)

Nilva Dircksen Israel

Sonhos... Quem não sonhou ainda na vida? O sonho faz parte da vida. Sonha-se com a felicidade, com qualidade de vida, em merecer o céu...

Como e o que fazemos para realizar nossos sonhos? Criamos expectativas, imaginamos possibilidades, montamos projetos e, então, partimos para a ação.

Deus também sonhou. Sonhou com um mundo bonito, cheio de árvores, animais, o céu cheio de estrelas, o mar repleto de peixes, pássaros voando... Tudo isso para a felicidade de um ser feito sua imagem e semelhança: o homem, a mulher.

Deus sonhou, planejou e agiu. Disse: "faça-se o dia e a noite" e se fez o dia e a noite. "Faça-se o firmamento..." e o firmamento foi feito! (Gn 1,1–2,4a).

A Palavra (de Deus) criou o mundo. "Tudo foi feito por meio dela e de tudo o que existe nada foi feito sem ela" (Jo 1,3).

Precedendo a própria criação, existia um sonho. Sonho que se transformou em projeto divino e guiou as primícias da criação inteira. A Palavra formula o sonho e o executa.

"No começo, a Palavra já existia..." (Jo 1,1a). Palavra essa gerada passo a passo pelos sonhos de Deus. Palavras brotadas do nada, do silêncio, do abismo, do âmago, do âmago da existência divina. Para ouvi-la é preciso que façamos silêncio. Deus é esta Palavra: "... E a Palavra era Deus" (Jo 1,1c).

Quando a ouvimos, nosso corpo inteiro se regozija de prazer. Ela é promotora de vida. À sua pronúncia, tomam forma o universo, a luz, o homem...

A Palavra faz acontecer. Realiza o que diz. O caos, o vazio, as pessoas se transformam segundo as imagens das palavras ditas e/ou ouvidas. Palavras boas, fortes, impregnadas de amor, de ternura, de alegria, de prazer, de sonhos, de desejos e esperanças, batem como um sopro em nosso corpo e este revigora-se. Cria vida nova. Enche-se de alegria. Exala felicidade.

Porém, palavras que excluem, palavras de ódio, de rancor, de vingança, de desamor, de indiferença ferem nosso corpo, fraturam nossa carne. Matam!

Quantas vozes abafadas, quantos sonhos desfeitos, quantas esperanças desmoronadas, quantos projetos inacabados, quantas vidas interrompidas em conseqüência de palavras ditas de forma inconseqüente. Ruins. As palavras ditas por Pedro: "eu nem o conheço" (Lc 22,57) empurraram Jesus para o julgamento. As palavras ditas por

Pilatos: "Eu não sou responsável pelo sangue deste homem" (Mt 27,24) levaram Jesus à morte.

No entanto, vejamos a força dessas palavras:

– "pode ir, seu filho está vivo" (Jo 4,50),

– "levante-se, pegue sua cama e ande" (Jo 5,8),

– "Sou eu. Não tenha medo" (Jo 6,20),

– "não fique perturbado o coração de vocês..." (Jo 14,1),

– "... amem-se uns aos outros" (Jo 15,17).

Palavras... puras palavras boas... encantamento que faz resgatar vidas que já estavam mortas, engravidam estéreis, transformam desertos em mananciais de água, renovam esperanças, devolvem a alegria de viver.

Palavras assim, vividas e assumidas com autenticidade e despidas das roupagens falsas das ideologias dominantes, não há forças que as possam barrar. Elas têm a força real e a magia acontece: lágrimas viram risos, desejos e nostalgias viram realidade, os fracos ficam fortes, os medos se acabam, a raiva se desvanece, os instrumentos de dor e morte se transformam em fontes de vida e de alegria.

Mas palavras interpretadas erroneamente, fortemente carregadas de ideologia extremamente machista, patriarcal e excludente, consolidando ainda hoje a inferioridade da mulher, a discriminação e a marginalização, provocam câncer, úlceras, depressão... e morte.

E a Palavra se fez carne (Jo 1,14)

Deus nos fez corpos. Corpos que refletem a tristeza ou a alegria que sentem. Corpos que não escondem a dor, o sofrimento pelo olhar, pelo sorriso e... pelas palavras! Corpos que ouvem, silenciam, cantam e choram.

Deus também fez-se corpo. Encarnou-se. Fez-se visível. "E a Palavra se fez homem..." (Jo 1,14a). Jesus é a Palavra assumindo visibilidade!

Deus se desnuda, se revela, tira o véu, não se esconde mais. E vem o espanto, a surpresa, o que aparece é o corpo de um homem. Um homem nada culto para os padrões da época. Um carpinteiro? Um pedreiro? Ou um "fazedor de bicos"? Um homem chamado Jesus.

Jesus é a Palavra-carne. E foi trabalhando como carpinteiro, fazendo "bicos" e/ou mexendo na argamassa que os sonhos, os desejos, as esperanças começaram a acontecer: o pobre passa a ter pão, casa e terra; o fraco não precisa mais se encolher; as cercas e os muros são desmontados; as amarras e as prisões são abertas; os aleijados pulam e os cegos vêem; a tristeza vai embora; as crianças cantam, brincam, sorriem; são corpos livres, faceiros conhecendo os encantos do Reino.

Jesus é Palavra-vida. Com linguagem profundamente ligada ao mundo dos camponeses, dos construtores, dos pequenos artesãos, dos pescadores, ele fala-nos das coisas humanas. Pequenas. Sobre pão, trigo, uva, figueiras... fala-nos dos pássaros, da beleza dos lírios, do sol que nasce para os bons e para os maus, da chuva, das ovelhas que conhecem a voz do pastor, da pureza do coração, do amor como lei vital. Entristece-se com nossas angústias, medos, incertezas. Vai à festas. Come e bebe com e como gente comum. Chora a morte de amigos.

Deus, para falar de si, tornou-se gente. E nós, se quisermos falar de Deus, temos que falar de gente, um rosto, um corpo.

Falar da onipotência, onisciência e onipresença de Deus é perda de tempo. Deus é homem/mulher/pai/mãe. E amor. E seu sonho de amor ele nos conta. Coloca-o vivo entre nós. Jesus é o desejo de Deus.

Deus (Palavra) gerado arma sua tenda entre nós (Jo 1,14)

Deus quer que a Palavra gerada – agora corpo gerado – seja a expressão de sua própria realidade divina e humana. Jesus é a realização plena do plano de Deus. Através dele, Deus sonhou a condição divina do homem e da mulher e a sua própria condição humana: fez-se homem/mulher/criança/jovem/idoso... Acampou no meio de nós. Armou sua tenda entre nós. "... e acampou entre nós" (Jo 1,14a).

Veio para todos e todas que habitam o universo criado por ele. Não escolheu entre este ou aquele, entre o forte e o fraco, o puro e o impuro, o rico e o pobre. Simplesmente fez-se corpo e se pôs a morar no meio de nós! Absorveu a materialidade, a divindade e a debilidade do ser humano.

E é esta humanidade de Deus que me aproxima mais e mais dele.

Sinto-o mais *presença* quando o vejo como um igual. Fez-se homem/mulher e, por isso, é capaz de sentir o que eu sinto: rir, chorar, cantar, sentir fome, frio, sede, dor, alegria e, se preciso for, morrer comigo, mas jamais me abandonar!

Enquanto os homens e as mulheres não tomarem consciência dessa humanidade de Deus poderão encontrar dificuldade de relacionar-se com o Deus que é *presença*. Relacionar-se apenas com a divindade e a onipotência de Deus é correr o risco de relacionar-se com um Deus que nada mais é do que *ausência* para nós.

Lembro-me bem, quando jovem, fui convidada para fazer uma reflexão com catequistas da minha paróquia, cujo tema abordava a onipotência e a bondade de Deus. Quanta dificuldade! Não conseguia sentir a bondade de Deus na sua onipotência...

Deus é onipotente sim. Mas sua grandeza está na capacidade de fazer-se pequeno. Igual. Fazer-se carne. Homem. Mulher. Gente pequena... Aí reside sua bondade!

Um Deus grande e poderoso remete-nos a um mundo desconhecido para a grande maioria de nós: o mundo dos "grandes" do ponto de vista econômico, social e religioso.

E, por isso, oprime, explora, marginaliza, discrimina... É difícil reconhecer, neste mundo, o Deus que acolhe, protege, ampara, faz-se gente. E *presença*!

A comunidade joanina viveu essa experiência de um Deus *presença.*

– "e nós vimos a sua glória" (Jo 1,14b).

– "de sua plenitude, *todos nós* recebemos" (Jo 1,16b).

A comunidade joanina é a prova da existência de um Deus carnal. Insiste em afirmar: "Nós vimos", "nós recebemos". Portanto não foi apenas um ou dois ou três que tiveram a experiência do Deus *presença*. Toda a comunidade experimentou o Deus feito corpo-Jesus e dele "*receberam* um amor que corresponde ao seu amor" (Jo 1,16c).

Isso é para toda a humanidade. Portanto, também para mim e para ti. Também *nós* podemos *ver a sua glória*. Também nós podemos participar da sua *plenitude e dele receber* um amor que *corresponda ao seu amor*!

E, para isso, é preciso o quê? Sofrer? Estar livre de culpas? Cumprir todas as leis? *Sim,* se nosso critério de vida for, exclusivamente, o dos homens. *Não*, se nosso critério de vida for o de Deus feito carne. Entre os homens, neste jogo de lei e vida, incontestavelmente vence a lei. Independentemente de credo religioso e/ou regime político, quando se trata de punição, a lei "pesa" mais para os menos favorecidos socialmente – mesmo as leis religiosas!

Por isso, vemos constantemente pessoas que são injustiçadas, caluniadas, discriminadas, marginalizadas etc. se anularem diante de Deus e se sentirem abandonadas, esquecidas por Deus. O que está enraizado em nós é a idéia de que Deus nos abandona porque pecamos, porque cometemos erros. Exemplos não nos faltam. Vejamos apenas alguns exemplos vivenciados em minha comunidade.

1. Conheço casais que, por motivos e decisão que a eles compete, não legalizaram o casamento no religioso. Por isso, sentem-se excluídos da celebração da vida, ou melhor, assistem (o que é ainda mais cruel) a celebração, sem, no entanto, comungar dessa e nessa celebração.

Diante de situações iguais a esta fico a me perguntar: para nós (igreja) ser cristão é ser legalista? Não estaremos nós (igreja) "parados" no tempo e no espaço esquecendo-nos da Nova Aliança anunciada em Jo 1,17: "... a Lei nos foi dada por Moisés, mas o amor e a fidelidade vieram através de Jesus Cristo"?

Esta nova relação entre Deus e a humanidade, que a comunidade Joanina nos ensina, não é uma relação contratual, baseada em códigos e obrigações. Mas sim, uma relação pessoal de amor. Jesus, o Deus gerado, não segue a linha da Lei: vem substituí-la pelo *amor*. Não será dominador temporal, pelo contrário, veio "para que todos e todas tenham vida em abundância" (Jo 10,10).

2. Certa vez participei de uma reunião de CPP (Conselho Pastoral Paroquial), onde se discutia o assunto "diaconato". "Lá pelas tantas", uma mulher sugeriu que,

em vez de um homem, fosse uma mulher fazer o curso. Foi um escândalo! Então ela não sabia que "*mulher não pode ser diaconisa*"?

Também me pergunto em situações desse tipo: não sabemos nós, católicos, que, ao consolidar mais e mais o patriarcalismo na Igreja, estaremos sufocando sonhos? Sonhos de um povo que quer viver uma sociedade de iguais. Sonhos de Deus que se fez gente para promover vida plena para todos e todas? Estaremos nós ignorando o movimento de Jesus e a sua continuidade no grande *projeto do tribalismo*, onde homens, mulheres, jovens, crianças e idosos – todos e todas – tinham vez e voz? Por que lutamos tanto (enquanto igreja!) por cidadania na vida civil e a impedimos na vida religiosa e eclesial?

3. Acompanhei, por ser parente, o caso de uma mulher (jovem, 24 anos), que se separara do marido. "Juntou-se" com outro, mas também não deu certo. O sentimento de culpa começou a tomar conta. Seus pais sofriam com esta situação. Tinha uma filha e a filha "corria" de casa em casa, de tia para tia. O que havia com ela que nada dava certo? Segundo o que aprendera, não só os pais e/ou a sociedade a estavam condenando. Deus a condenava. Entrou em desespero e tentou o suicídio. No hospital, certo dia, uma ministra extraordinária da comunhão abriu a porta do quarto. Trazia consigo a hóstia consagrada. Perguntou: solteira, casada ou divorciada? Minha cunhada respondeu: desquitada! Disse a ministra: Ah! Então não pode! Fechou a porta e saiu do quarto.

É claro que esta ministra estava seguindo orientações recebidas. Mas eu pergunto: Será que o Deus que se fez corpo e, por isso, capaz de sentir o sofrimento, a dor, o sentimento de solidão e de desamor que dominava esta jovem "fugiria da raia" e diria "neste corpo não habitarei"? Então, sim, toda a nossa fé seria vã. Jesus não teria dado sua vida por nós. Seu projeto de vida plena para todos e todas seria uma mentira.

O desejo de Deus é a salvação de todos e de todas. Salvação esta que nada mais é que a profunda alegria que sentimos pela vida, pelo corpo, pela natureza. "Vida eterna (e plena) é esta: que eles conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e aquele que tu enviaste: Jesus Cristo" (Jo 17,3).

Este é o desejo de Deus. O sonho de Deus. Foi por isso que veio ao mundo. E existe coisa mais bela, mais linda, mais gostosa, mais gratificante, mais eterna que conhecer Deus despido de toda ideologia? Despido também da "teologia do cagaço"? Do medo, do castigo? Não faça "isso" porque Deus não gosta; não faça "aquilo" porque Deus condena; "isso" nada mais é que "castigo de Deus"; temos que suportar a dor e o sofrimento porque é "vontade de Deus". A pobreza, a miséria, o "mandonismo" são desígnios de Deus. Estes são apenas alguns exemplos que revelam Deus de acordo com os interesses pessoais, culturais e/ou ideológicos. Não são sonhos de Deus. Não nos fazem sorrir, cantar, dançar. Não nos ajudam a melhorar nossa vida. Não são palavras de Deus. Não são desejos de Deus.

A humanidade age e reage dessa maneira porque lhe foi inculcada – também pela igreja! – uma idéia errada de Deus: a idéia de que Deus é vingativo, punitivo,

cobrador. Age e reage assim porque ignora o critério de vida do Deus que é corpo e mora no meio de nós e em nós. Para ele o amor está acima de toda e qualquer lei.

Jesus nos revela o seu jeito de ser Igreja (Jo 13,15)

Mais do que nunca os filhos de Deus, espoliados da vida e destituídos de direitos, precisam de aconchego, de acolhimento, de valorização. Carecem de ver a grandeza de sua dignidade, a graça e a Boa-Nova do Evangelho inundando suas vidas, devolvendo-lhes a alegria, os sonhos, a razão de viver.

Precisam de uma igreja de rosto benévolo que aceite a todos e a todas de forma digna e igualitária. Uma igreja de rostos e cheiros masculinos e femininos, apaixonantes e apaixonados pelo modelo de serviço fraterno deixado por Jesus em Jo 13,14: "Pois bem, eu que sou o mestre e o senhor..." Uma igreja de rosto muito familiar, onde cada um seja conhecido pelo nome e calorosamente bem-vindo! Uma igreja que ligue fé e vida, onde Jesus se revela no cotidiano da vida. Na caminhada junto de seu povo. Reparte o pão. Reconstrói a esperança. Retoma a promoção humana. Briga pelos direitos humanos. Envia a fazer o que ele fez.

Infelizmente, ainda "experienciamos" uma igreja fortemente "institucionalizada", "hierarquizada", que pode tornar-se fria pela ausência de relações concretas humanas. Relações distanciadas pela falta de tempo, pela burocracia exigida por parte da instituição, pela vida solitária do clero que, não sei exatamente o que e como, mas o fato de o clero viver só cria uma barreira nas relações, sim! "Padre é padre!" Não pode ser tocado, acarinhado, beijado. Nem como homem, nem como irmão e nem como filho. As relações de afeto, amizade, carinho e amor são "distantes". Certa vez vi um padre embriagado, numa festa, vagando só no meio de uma multidão. Meu coração de mulher e de mãe bateu forte. Tive vontade de ir até ele, abraçá-lo, acarinhá-lo e levá-lo para casa como se fosse um filho. Não fiz eu e nem fez ninguém. Ele continuou vagando só. No entanto, não posso dizer que essa multidão de gente estava indiferente. Tenho certeza que muitas mulheres tiveram vontade de fazer o que eu quis fazer e também não o fizeram. Era um padre muito querido na comunidade. Por que não o fizeram? O clero é diferente. É como se fossem pessoas diferentes. Não são comuns, pelo contrário, são raros. Não se "misturam" plenamente. Sempre há uma reserva. Não se envolvem "corporalmente" com as coisas do coração. Criam laços que não formam elos, não fincam raízes. E quando isso começa a acontecer são rapidamente removidos para outras comunidades. Permanece por longos anos numa comunidade só o padre que se mantém "distante". Se o padre já é "distante", os bispos são mais "distantes" ainda, e o papa, então, é inatingível. São os donos do saber religioso, só eles podem perdoar os pecados. Detêm o poder religioso e é no mínimo "engraçada" a forma de partilhar esse poder: pleno entre homens, muito restrito entre as mulheres. É a igreja hierárquica esfriando as relações concretas humanas. Com as coisas desse jeito como podemos construir uma igreja familiar, aconchegante, acolhedora, atraente, nos moldes deixados por Jesus, em Jo 13,23-25: "um deles, *aquele que Jesus amava... Inclinou-se sobre o peito de Jesus* e perguntou..." Jesus, o Deus feito corpo, não hesitou diante das relações mais concretas humanas. Não evitou o contato e nem o sentimento do amor: "aquele que Jesus amava" "inclinou-se sobre o peito de Jesus". Um gesto familiar, caloroso, íntimo, aconchegante, acolhedor...

O *toque*, o corpo – estudos diversos comprovam a importância do toque, do mais íntimo ao simples aperto de mão. Somos corpos! Jesus é corpo e a Palavra era Deus. E a Palavra se fez homem... "O clero é *corpo*!"

Mais adiante, outra demonstração de ternura sem limites: "Filhinhos... eu dou a vocês um mandamento novo, amem-se uns aos outros..." (Jo 13,33-35).

É o rosto feminino, terno, acolhedor de Deus. É o rosto da igreja que precisamos.

Jesus não "instituiu" a igreja, mas nos revelou de forma muito clara o seu "jeito de ser igreja". "Eu lhes dei um exemplo: vocês devem fazer a mesma coisa que eu fiz" (Jo 13,15). Estas palavras bastam por si sós. Têm a força real.

Deus, ao fazer-se gente, fez-se também mulher. Assim, Deus não só é o Deus Pai, mas também o Deus Mãe. Ninguém mais do que a mãe é capaz de entender o sofrimento, porque sente em suas entranhas não só a própria dor, mas também a dor do filho. Somente um Deus Mãe é capaz de vivenciar tamanha ternura e bondade: "Filhinhos..." Somente um Deus Mãe é capaz de tamanha insistência e persistência: "Quero armar minha tenda entre vocês", "quero ser luz, mesmo que para isso tenha que lutar contra as trevas", "quero partilhar com vocês a plenitude do meu ser", "quero lavar-lhes os pés", "quero que o amor esteja acima de qualquer lei", "quero fazê-la(o) divina(o) e humana(o). Por isso, homens e mulheres, feias(os), bonitas(os), ricas(os), famintas(os), negras(os), brancas(os), mestiças(os), sois minha imagem e semelhança!"

Deus é assim. Sem rosto fixo, de identidade incerta, sem sexo definido, sem costumes estáticos. Composto de muitos corpos. Corpos de raças e etnias diferentes. Corpos descansados, recatados, folgados. Corpos desnudos, mudos, ardentes, carentes. Corpos amados, mal-amados, queridos, renegados. Corpos que vibram, torcem, sofrem, vencem, vivem e morrem.

Deus não só está em, como também é cada um desses corpos. Deus é masculino e feminino, pai e mãe, homem e mulher.

Deus é de tudo e de todos. É meu. É teu. É nosso. É dos bons. É dos maus. É de quem quer conhecê-lo, amá-lo e segui-lo. É também daquele que não o conhece, por isso não o ama, nem o segue. Em todos, com todos e para todos sonha o sonho possível: "que todos tenham vida" (Jo 10,10). E a todos estenderá sua tenda, especialmente àqueles que sofrem grande tribulação. Estes "nunca mais terão fome, nem sede; nunca mais serão queimados pelo sol, nem pelo calor ardente. Pois o cordeiro que estará no meio deles será o pastor deles; vai conduzi-los até as fontes de água da vida. E Deus lhes enxugará toda lágrima dos olhos" (Ap 4,16-17).

Este Deus é o Deus da vida, não da morte. É o Deus da liberdade, não do cativeiro. É o Deus do amor, não do domínio. É o Deus da criatividade, não da divisão. É o Deus que luta contra a exploração e pela felicidade; contra a injustiça e pela conquista do Reino. É *o meu Deus! O teu Deus! O nosso Deus!*

Referências bibliográficas

ALVES, Rubem. *O poeta, o guerreiro, o profeta*. 2ª ed., Petrópolis: Editora Vozes, 1991.

—. *Creio na ressurreição do corpo: Meditações*. 3ª ed., São Leopoldo/São Paulo: CEBI/Edições Paulinas, 1992.

FIORENZA, Elizabeth Schüssler. *Discipulado de iguais. Uma ekklesia-logia feminista crítica da libertação*. Petrópolis: Editora Vozes, 1995.

MATEUS, Juan & BARRETO, Juan. *O Evangelho de São João*. São Paulo: Edições Paulinas, 1989 (Grande Comentário Bíblico).

Nilva Dircksen Israel
Campestre s/n
88650-000 Urubici, SC
(0xx49)278-4115